

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Natal civiliza-se: sociabilidade e representações espaciais da elite.

(1900-1929)

Márcia Maria Fonseca Marinho¹

Resumo:

Transformar a cidade de Natal numa capital moderna era o grande sonho da elite natalense no início do século XX. Para conseguir pôr em prática o ousado plano, suas instituições formais tiveram um papel fundamental, pois, através delas, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. Em lugares como clubes e associações, a elite se distinguia do popular. Nesses lugares, suas práticas eram legitimadas de modo a criar uma oposição às práticas populares. Eram nos clubes e nas atividades praticadas pelos seus membros que os ideais da elite circulavam, lá que a mesma se formava e se transformava. Desta forma as aspirações de um grupo social refletiam na organização social dos espaços da cidade.

Palavra-chave: cidade- elite- sociabilidade.

Abstract:

Turning Natal into a modern capital was the great dream of the local elite in the beginning of the XX century, to make that daring plan become true, their formal institutions had an important role. Through them, the new social practices were spread out and reflected in the urban spaces. In places such as clubs and associations, the elite were distinguished from the popular. In these places, their practices were legitimated, in counterpoint with the popular ones. Inside the clubs and the activities practiced by their members the ideals of the elite circulated, there the elite were formed and transformed. So, the aspirations of a social group reflected in the city's social organization.

Keywords: city- elite- sociability

As tentativas do governo de renovar a estrutura urbana da cidade no início do século XX, refletem o desejo vivido pelos membros da elite local de enquadrar Natal nos moldes dos grandes centros urbanos desse período. Desejava-se transformar Natal numa cidade moderna. O moderno em questão remete aos novos padrões tecnológicos que surgiram e se desenvolveram a partir da Segunda Revolução Industrial.

O moderno também estava diretamente relacionado ao desenvolvimento da ciência. A crença, quase cega, na ciência e na tecnologia fez com que a sociedade do século XIX acreditasse que a humanidade estaria traçando uma marcha progressiva rumo à civilização. O

¹ Mestranda em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Dr. Raimundo Arrais.

progresso, palavra obrigatória no vocabulário do homem moderno, era o único caminho a se seguir rumo ao ideal de nação civilizada (HOBSBAWM, 2003).

Ser moderno muitas vezes era muito mais do que apenas o dominar a técnica e as mais recentes tecnologias. O ser moderno no Brasil estava atrelado ao desejo de se afastar do passado colonial, escravocrata, que pouco se relacionava com os novos ideais de civilidade que se difundiam a partir da Europa.

Em Natal, uma parte da elite exigia que a cidade apresentasse esses aparatos modernos, para que a capital do Estado exibisse também a aura do progresso. Os desejos da elite estavam firmemente atados aos desejos do Estado, que nos primeiros anos da República permaneceu quase imóvel no que diz respeito a sua liderança. A administração pública iniciou em Natal uma reformulação de alguns espaços físicos da cidade. Os dois governos de Alberto Maranhão (1900-1904/ 1908-1913) foram os mais entusiastas no que diz respeito à reorganização dos espaços públicos da cidade. Durante os dois mandatos de Alberto Maranhão deu-se início a importantes obras públicas na cidade de Natal. Dentre elas se destacam a projeção do bairro de Cidade Nova, que surge a partir de uma resolução da Intendência Municipal em 1901. A criação da Cidade Nova, que seria então o terceiro bairro de Natal, reflete as intenções dos dirigentes da cidade de enquadrar Natal nos mais recentes padrões urbanísticos mundiais. Seguindo a linha das principais capitais mundiais, o bairro da Cidade Nova teria largas e arborizadas avenidas, nas quais a ventilação permitiria a devida circulação do ar.

A preocupação com a função da cidade e a sua organização são preocupações dos urbanistas em todo o Ocidente desde a segunda metade do século XIX. Paris foi o grande marco das reformas urbanas na Europa, mas na seqüência muitas cidades européias experimentaram uma radical transformação nas suas estruturas. A exemplo de Paris, o Rio de Janeiro passa por uma completa reestruturação do seu espaço urbano durante os primeiros anos da República. A reforma liderada por Pereira Passos não apenas reordenava a Capital Federal. Como pioneira e centro influente, as reformas do Rio dissipavam pelas demais capitais brasileiras o modelo de ‘civilidade’ e progresso que deveria ser seguido.

A Cidade Nova representava então um ousado plano de adicionar à cidade de Natal um espaço completamente novo, um bairro pensado e enquadrado nos padrões de modernidade e salubridades vigentes na época.

Numa conferência realizada por um influente membro da elite, Manuel Dantas, em 1909, podemos sentir o entusiasmo compartilhado entre a elite natalense com relação ao

futuro próspero que deveria ser trazido pelo progresso. Nessa conferência ele faz uma projeção da vida na cidade em 50 anos, prevendo Natal como a capital mundial, revelando esse lado otimista que se vivia durante as transformações urbanas da cidade. Mas do que fazer profecia, ele quis espalhar o espírito do progresso e da modernidade com o seu discurso (LIMA, 2000).

Apesar de muitos ideais da elite se projetarem para possíveis ações futuras, pequenas mudanças já se mostravam significativas. Assim como era significativo para a elite vigente o contínuo investimento em ações públicas e privadas sobre o espaço da cidade. Moldar a cidade conforme o ideal de civilidade, buscado pela elite local, implicava em mudanças estruturais, que exigiam altos recursos do Estado, que muitas vezes não podia arcar com os custos, adiando assim certos desejos.

Mas, por outro lado, a entrada de Natal no padrão de civilização exigido pela elite não trazia consigo um viés unicamente material. Pois, de nada adiantava a mudança estrutural da cidade, estando a população presa aos hábitos não civilizados, vistos pela elite como arcaicos, anti-higiênicos ou imorais. Portanto, era preciso enquadrar a população natalense dentro dos padrões de civilidade adotados pelos grupos de elite.

Referindo-se a afirmação dos novos espaços da elite, mais precisamente a Cidade Nova, Raimundo Arrais aponta a necessidade que o novo tem de se distinguir do velho, para, a partir dessa distinção, poder se afirmar como o novo. Ou seja, a cidade antiga é uma construção da Cidade Nova (ARRAIS, 2005:18). A necessidade da elite de afirmar o novo pode ser notado em vários aspectos na cidade de Natal. A criação de clubes e instituições formais esportivas são exemplos de como a elite se articulou nesse período na criação de espaços na cidade ‘nova’ que, ao mesmo tempo que diferenciavam os seus espaços dos espaços populares, também distinguissem a nova Natal da velha Natal arcaica, onde as práticas de elite e as práticas populares não se distinguiam muito.

Na luta travada pela elite natalense pela definição das práticas e condutas próprias de uma capital moderna e civilizada nos deparamos com os mais variados investimentos sobre o espaço urbano. A começar pela construção do Teatro Carlos Gomes em 1904, que veio responder aos anseios da elite por uma casa de espetáculos capaz de receber companhias de maior porte, e, conseqüentemente de maior prestígio. Para a sociedade contemporânea, o teatro assumia um papel didático importantíssimo, ele era um bem necessário, grande responsável pela difusão do modelo de civilidade.

Além do teatro, outras edificações da cidade tinham o poder de simbolizar valores estimados pela elite natalense. Essas edificações abrigavam as instituições formais da elite,

como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Atheneu Norte Rio-grandense, a Escola Doméstica de Natal, o Natal-Club, o Club de Tiro de Natal, o Natal Sport Club, entre outros. As instituições formais da elite têm um papel decisivo no que se refere à formação e estruturação de uma elite urbana na cidade moderna, pois são elas encarregadas de instruir intelecto e socialmente os jovens membros da elite.

Apesar das instituições formais de Natal ainda estarem se formando e se consolidando nas duas primeiras décadas do século XX, elas exerciam um papel importantíssimo, pois através desses espaços se concretizava a formação e circulação dos ideais da elite. A circulação não era apenas de idéias, os próprios membros dessa elite circulavam por essas instituições. Eram os lugares em que a elite se encontrava, onde suas idéias eram divididas, laços políticos eram atados e amizades eram laçadas, enfim eram espaços de plena sociabilidade.

As instituições formais não são apenas as que dizem respeito à formação do indivíduo: as instituições recreativas também demarcam os espaços da elite na cidade, como o Natal-Club. O Natal-Club abriu suas portas pela primeira vez em 1906, aliviando a necessidade da elite natalense de ter dentro da cidade um espaço de sociabilidade que respondesse aos padrões desejados por ela. Essas instituições definiam o perfil dos seus sócios através de estatutos, que ditavam regras e normas de conduta a serem seguidas. Caso não se cumprissem as normas, facilmente os sócios seriam desligados dos clubes. O Natal-Club proporcionava diversão diária aos seus associados e uma soirée dançante todos os meses.

Além do Natal Club, outras associações proporcionavam aos seus associados atividades de lazer e entretenimento, como os clubes esportivos. Desde a última década do século XIX as práticas esportivas caíram no gosto da elite natalense, que via o esporte como uma solução para os vícios e mazelas da sociedade moderna.

Esses clubes esportivos intercediam nas atividades públicas e privadas de lazer da elite natalense. Vemos surgir no fim do século XIX o interesse da elite por uma educação física e moral da juventude. Nesse sentido, organizações esportivas do início do século XX institucionalizavam e difundiam as práticas esportivas em voga na Europa. Dessa forma, os clubes esportivos intercedem na absorção das práticas esportivas no cotidiano de Natal.

As modernas práticas esportivas que surgem entre o século XIX e XX se associam à série de mudanças na estrutura social e cultural da época. A Inglaterra foi o berço de muitos dos esportes modernos, além de ter sido uma grande difusora das práticas pelo mundo. Elas se associam a inúmeros valores da nova sociedade do consumo que se formava na Europa, como

o culto ao corpo, o estabelecimento de regras, o culto à rapidez e a competitividade. (WEBER, 1989: 259).

As práticas esportivas começam a receber atenção dos jornais locais. Na década de 1890, elas geraram um novo ambiente de sociabilidade na cidade. À medida que os esportes modernos começam a ser praticados pela elite local, novas associações esportivas foram sendo criadas. Esses clubes, além de organizarem os eventos esportivos, permitiram a criação de ambientes que possibilitavam a sociabilidade da elite.

A sociabilidade da elite vinculada às práticas esportivas se mostra evidente ao observarmos as competições esportivas organizadas pelos clubes. Nessas competições, os clubes propiciavam aos espectadores, além das provas esportivas, exibições do Batalhão de Segurança, o que sugere um clima festivo na realização desses eventos. Em 1910 Natal contava com várias associações esportivas responsáveis pela organização desses eventos, como o “Velo-Club-Natal”, o “Derby-Club-Natalense”, “Sporte-Club-Natalense”, “Natal-foot-ball-Club”, etc. Como podemos notar, o nome dos clubes esportivos são todos nomes estrangeiros, e isso não acontece sem razão. Além do nome de muitas práticas esportivas não terem ainda tradução para o português, a referencia aos nomes estrangeiros, em especial inglês e francês, gera um tipo de proximidade da população natalense com o que se passa na Europa, pois a linguagem também constrói imagens. No caso o inglês e o francês ajudam a construir a imagem do esportista, já legitimada na Europa.

Os clubes tinham um papel importante na construção dessa nova cidade almejada pela elite local, pois, através dessas instituições, difundiam-se novas práticas sociais que se refletiriam nos espaços urbanos. As associações, geralmente fechadas a um número restrito de sócios, acabavam gerando uma segregação espacial, pois eram em lugares como os clubes onde a elite se distinguia do popular, onde as práticas das elites eram legitimadas, em contraponto às práticas populares enraizadas no passado. Eram nos clubes e nas atividades praticadas neles que os ideais da elite circulavam, lá que a elite se formava e se transformava. Portanto, as práticas definem espaços. Ou seja, à medida que um grupo social, tenta distinguir suas práticas das práticas dos outros grupos ela está definindo uma configuração social que reflete na organização social dos espaços da cidade.

Os espaços da elite na cidade estão repletos de significados que dão lógica à existência dessa elite. À medida que a elite afirma um espaço como o seu, ela nega outros espaços, e se afirma como um grupo que ocupa de uma certa forma um ‘lugar’ na geografia da cidade. Esse

tipo de representação espacial nos ajuda a perceber as aspirações de um grupo social, que tenta impor, sua concepção de mundo e seus valores ao tentar diferenciar e normatizar os espaços na cidade.²

A construção do jardim público na cidade de Natal, seria o resultado físico do desejo da elite de transformar os espaços públicos da cidade. O jardim se localizava na Praça Augusto Severo, em frente ao Teatro Carlos Gomes. O jardim e o teatro foram projetados em conjunto pelo arquiteto Herculano Ramos. Esses novos espaços de sociabilidade na cidade eram recebidos com entusiasmo pelos membros da elite.

O jardim tem um papel importante, muito significativo para a elite do século XIX. Tal qual no jardim, a natureza só devia estar presente na cidade de forma ordenada, harmônica, domesticada. O jardim da Praça Augusto Severo transformava o antigo alagado da Ribeira, lugar de doenças, além de ser um entrave entre a cidade alta e a cidade baixa, em um espaço ‘civilizado’, orgulho da elite natalense, que tinha agora na cidade um espaço aberto, ajardinado, onde se podia caminhar ou ouvir as retretas da banda do Batalhão de Segurança.

A nova cidade que começava a surgir mantinha relações diferentes com a paisagem natural que a cercava. O saber médico alarmava os perigos causados pela águas estagnadas e a má circulação dos ventos. Os benefícios trazidos pelos ventos vindos do mar podem ter sido definitivos ao se pensar a localização da cidade nova. A opinião da comunidade científica acerca do mar, no entanto, nem sempre acreditou nas benfeitorias do oceano.

A relação do homem com o mar caminhou pelo o medo, a cura e o prazer. Sensações descritas por Alain Corbin em *O território do vazio*. O imaginário coletivo desenhava o mar como um elemento perigoso, essa imagem era reforçada pela literatura médica ainda nos séculos XVII e XVIII. Depois do medo o mar vira sinônimo de cura, e somente no século XIX a ida ao mar não era mais uma ação isolada de um único curista. A reunião da elite nos balneários fez dessa prática um evento social. Ao longo do século XIX ir ao mar foi além do desejo da cura. Iniciava-se uma relação de prazer com o mar. (CORBIN, 1989). A passagem do medo à cura, e da cura ao prazer, mostram que a relação do homem com o mar é mutável, obedece a uma temporalidade é, portanto, uma construção simbólica.

No Brasil o mar era sinônimo de sujeira ainda no século XIX. Era hábito despejar nas águas salgadas dejetos domésticos. Os escravos apelidados de “tigres” eram encarregados de exercer essa tarefa (FREYRE, 2002). Desvincular a imagem de esgoto do mar levou certo tempo aos brasileiros. Mas já na segunda metade do século XIX, os discursos médicos

² Para outros exemplos do uso da representação como ferramenta na construção real dos ideais de um grupo ver: (CHARTIER, 1990).

convenceram as elites dos benefícios ao corpo do banho de mar.

Apesar de sua localização tão próxima do mar, somente em 1908 funda-se em Natal uma estação balneária, localizada na praia de Areia Preta. A estação de banhos partiu de iniciativa privada, sendo recebida com entusiasmo pelos membros da elite natalense. Apesar de tratar-se de um lugar público e aberto, a existência da estação de banhos nos indica que também haviam regras e maneiras de se portar na praia.

As inovações técnicas facilitaram o acesso dos natalenses aos balneários que cercavam a cidade. O bonde, aliado à energia elétrica, facilitou a prática de novas atividades sociais antes inviáveis devido à distância ou aos tortuosos caminhos a serem percorridos. A companhia de bondes Ferro Carril prolongou seus trilhos até o balneário de Areia Preta em 1912 e a partir de então incluíram no seu itinerário o percurso até aquela praia em dias de domingo e feriados, provando o caráter de lazer da ida à praia (COSTA, 1998).

Os esportes aquáticos apostavam na junção do lazer e o bem estar, causados pela prática de exercícios físicos. Em Natal duas associações esportivas promoviam competições nas praias que cercavam a cidade. Em 1916 *A Republica* afirmou que aproximadamente 200 jovens natalenses dedicam-se à prática de esportes marítimos. (A REPUBLICA, 1916). As fotografias estampadas na revista *A Cigarra* nos leva a crer que, nos anos vinte, era muito grande a frequência à praia de Areia Preta durante o verão (A CIGARRA, 1928:22). Com os clubes náuticos e os balneários a praia se consolidava como ambiente de lazer para a elite natalense.

Para usufruir a praia e o jardim público era necessário ao cidadão portar-se de uma certa maneira, vestir-se de um certo modo. Existia um código de conduta dos espaços públicos. Esses códigos acabaram segregando a população mais humilde até mesmo nos espaços públicos da cidade. A cidade, portanto, estava sendo aos poucos moldada pelas mãos da elite, o que não implicava a total exclusão dos populares desse processo. De toda forma, foi atribuído ao poder público a missão de levar adiante os projetos de modernização da cidade. Para a elite intelectual, somente as forças públicas poderiam sistematizar e levar a cabo os melhoramentos físicos, almejados por essa camada da população.

Apesar das inúmeras intervenções feitas nos espaços físicos da cidade, Natal não se tornou a Paris das Américas ou conseguiu superar o *smartimo* carioca. A Natal almejada pela elite intelectual, patrocinada pelo poder e pela verba pública, não se transformou na capital mundial como previa Manuel Dantas.

A elite natalense nas duas primeiras décadas do século XX pensou a cidade e sonhou a cidade. Pensamentos e sonhos que geraram entusiasmadas ações sobre Natal, que resultaram

na alteração dos espaços físicos da cidade. A cidade se modificou, assim como o pensar e o agir sobre ela.

Bibliografia:

ARRAIS, Raimundo. Estudo introdutório. In: CASCUDO, Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand, 1990.

COSTA, Madislaine. *Quando a modernidade vinha de bonde*, 1998. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) –Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIMA, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manuel Dantas*. Natal: Sebo vermelho, 2000.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 18889/1913*. Natal: EDUFRN, 1999.

WEBER, Eugen. França: *fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Fontes:

A CIGARRA, 1928-1929.

A REPUBLICA, Natal, 1900-1927.

DIARIO DO NATAL, Natal, 1900-1913.